

2 JUL 1986

ECONOMIA - BRASIL

# JORNAL DO BRASIL Pobreza de Capital

A economia brasileira requer soluções urgentes para os gargalos que começam a aparecer no fluxo de investimentos a longo prazo, e que tanto decorrem da menor taxa de poupança sobre o Produto Interno Bruto quanto das transferências líquidas de recursos para o exterior por conta da dívida externa.

Estima-se que a taxa de poupança sobre o PIB caiu de 20 para 16%, e o que se assistiu no início do plano cruzado não sugeriu, propriamente, que estivéssemos muito preocupados em fazer crescer o bolo da poupança, mas em comê-lo rapidamente. Em boa hora o governo acendeu luzes vermelhas no Conselho Monetário, ainda quando tenha deixado sem solução os enormes problemas do déficit das estatais, que podem superar previsões otimistas de Cz\$ 12 bilhões.

Infelizmente, enquanto o tempo passa, os problemas se acumulam. Eles são mais que visíveis na área de energia, onde o consumidor pode ser convidado de repente a entrar com um novo empréstimo compulsório, nas telecomunicações, nos correios, na siderurgia, nas máquinas-ferramentas.

A indústria de bens de capital nacional não tem condições de atender a todos os pedidos, e já se fala em importar. Importação, na verdade, é o que já está acontecendo mesmo sem tarifas favoráveis. Se as portas forem abertas moderadamente, uma parte do problema estará resolvida, na medida que os suprimentos externos de capital produzidos em série sejam financiados a prazos longos, tornados atraentes pela possibilidade de uma taxa de inflação e de câmbio civilizada.

Isso, porém, só resolve os problemas das fábricas já instaladas que planejam expansão, e que portanto têm um custo menor e um retorno maior e mais rápido pelo capital investido. Não soluciona, porém, os problemas de novas fábricas, nem o de grandes projetos na indústria de base, particularmente a que depende do próprio governo.

O BNDES, que no passado foi um grande financiador da indústria de base, não pode senão cobrir uma parte da demanda de recursos, que não vai muito além dos 7%. E se complica na medida que o banco passou a ser também "social". O

congelamento exclui aumentos de tarifas. A Bolsa de Valores não é um saco sem fundos, e de tanto receber alertas e sinais vermelhos para moderar as cotações, terminou aprendendo a "andar de lado", deixando os investidores potenciais cautelosos.

Para acrescentar ofensa à injúria, o debate em voz alta sobre a reserva de mercado continua mandando para o exterior um sinal cristalino de que no Brasil do cruzado o capital estrangeiro pode não ser bem-vindo. De caso pensado ou não, os radicais da informática estão levantando uma muralha para qualquer outro interesse em investimentos no Brasil, pois se a reserva se aplica aos computadores, e os mesmos radicais querem estendê-la além dos limites da lei, quem garante que não irá contaminar outras áreas?

Para que solucione, portanto, a carência de capitais o Brasil tem que superar muitos obstáculos. É preciso um pouco mais de cultura para compreender o que está se passando no mundo, neste exato momento. As sobras de capitais vão de um lado para outro por coerência, não por desejos nacionais, nem por políticas imperativas. Quem quer que analise o mercado financeiro americano neste momento verá com surpresa, por exemplo, os japoneses aplicando na bolsa em ações da IBM, da Philip Morris, do MacDonalds, e de muitas outras grandes "corporations" que se identificam profundamente com a vida "made in USA". Por que os mesmos capitais não vêm para nossas atrofiadas bolsas?

O Brasil precisa vencer a síndrome da incompetência para manter o controle sobre os seus grandes interesses nacionais, e abrir seu mercado de capitais ao exterior, de forma ordeira e objetiva. É preciso remover os obstáculos que se encontram encravados na indústria de base, e que derivam de um falso nacionalismo. Não ficamos mais independentes com a dívida externa que temos hoje. Atrair capitais para grandes projetos, usar a estrutura do mercado, permitir joint-ventures e alicerçar o crescimento nos interesses privados, que oferecem o lucro como medidor da eficiência, é o caminho a percorrer. Ou iremos sepultando a economia do cruzado com aumentos de tarifas, déficits acumulados e inflação por conta de emissões mascaradas de papel-moeda.